

ISSN: 1983-8379

## Identidades em trânsito: Um conto de Agualusa sob o olhar de Bhabha

Teresa Cristina da Costa Neves<sup>1</sup>

**RESUMO:** O conceito de *entre-lugar*, proposto por Homi Bhabha e compreendido como ponto intersticial, autoriza investigar a obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, em particular o conto “*A noite em que prenderam o Pai Natal*”, um dos dezesseis textos reunidos na coletânea *Fronteiras perdidas: contos para viajar*, publicada em 1999. Na ficção em tela, novas subjetividades individuais e coletivas são forjadas no curso dos dolorosos processos de descolonização e no período que a eles se seguiu.

**Palavras-chave:** Identidade; *Entre-lugar*; Descolonização.

**RÉSUMÉ:** Le concept d'*in-between*, proposé par Homi Bhabha et compris comme point interstitiel, permet de sonder l'oeuvre de l'écrivain angolais José Eduardo Agualusa, en particulier le conte “*A noite em que prenderam o Pai Natal*”, un des seize textes réunis dans le recueil *Fronteiras perdidas: contos para viajar*, publié en 1999. Dans ce texte fictionnel, de nouvelles subjectivités individuelles et collectives sont forgées au cours des processus douloureux de décolonisation et après cette période.

**Mots-clé:** Identité; *In-between*; Décolonisation.

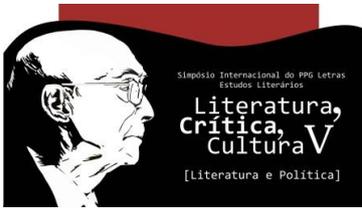
*A identidade constrói-se caminhando.*  
José Eduardo Agualusa

Em *O local da cultura*, Homi Bhabha indaga de que maneira é possível refletir sobre o problema da identidade num espaço-tempo contemporâneo cuja marca é a não-fixidez, o constante movimento, certa fluidez do que antes era considerado estático, tomado como porto seguro. Trata-se de uma proposição que tenderá a se tornar ainda mais complexa no contexto pós-colonial de comunidades em que, “apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável”. (BHABHA, 1998, p. 20)

O autor indiano reputa “teoricamente inovador e politicamente crucial” a necessidade de se ultrapassar as “narrativas de subjetividades originárias e iniciais”, buscando-se “focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Faculdade de Comunicação da UFJF e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF.



ISSN: 1983-8379

Para Bhabha (1998, p. 20), “é na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação (*nationness*), o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”.

O conceito de *entre-lugar*, proposto pelo autor e compreendido como ponto intersticial, autoriza investigar a obra do ficcionista angolano José Eduardo Agualusa, em particular o conto “A noite em que prenderam o Pai Natal”, um dos dezesseis textos reunidos na coletânea *Fronteiras perdidas: contos para viajar*, publicada em 1999. É nesse momento de trânsito ou passagem, nesse movimento de transformação ou transposição, que se situa tanto o autor quanto sua obra.

Escritor contemporâneo de língua portuguesa, Agualusa nasceu, em 1960, na cidade de Huambo, no interior de Angola, filho de pai português e mãe brasileira. Pluralidade e deslocamento compõem sua biografia e despontam na contextura de seu discurso literário, como resultado do jogo especular entre sua vida e sua obra. Se a origem dos movimentos de descolonização em seu país coincide com seu nascimento, a história angolana, sacudida por sangrentos conflitos e guerras incessantes, marcará intimamente suas experiências e memórias, o que repontará, como *leituras* ou *interpretações*, no conjunto de seus textos. Aos 15 anos, o escritor foi para Portugal e lá estudou agronomia, tendo contudo optado pelo trânsito profissional entre o jornalismo e a literatura. Também viveu no Brasil, país com o qual ainda mantém laços estreitos.

Ao assumir, muitas vezes, tom irônico e autocrítico em suas obras, Agualusa trai sua despreensão em oferecer respostas ou soluções para os problemas da sociedade angolana contemporânea. Este traço marca a distância entre seus escritos e aqueles, compromissados, do período da luta anticolonial. Unânime em seus textos, o tema da identidade assume caráter muito mais interrogativo do que afirmativo. Se por mais de uma geração, há angolanos em busca da afirmação de uma identidade “essencial”, capaz de conciliar diversidades culturais e viabilizar o projeto de nação, a atitude literária do autor é destoante. Sua produção artística percorre aspectos como fronteiras, história, tradição e raça, cruciais para a concretização do sonho de soerguimento de uma pátria; não obstante, seu escopo maior não é a identidade como um valor absoluto, nem a nação como uma realidade estabelecida. Antes, seu intento é indagar o que é identidade, o que é ser angolano. Dito de outro modo, identidade e nação irrompem nas



ISSN: 1983-8379

narrativas do autor como conceitos móveis, “construções sociais” passíveis de articulação em diversos âmbitos, conforme interesses e necessidades variáveis de grupos e indivíduos.

Independente do gênero ao qual se dedique – poema, romance, conto, novela ou livro-reportagem – Agualusa escreve sobre seu país e seus compatriotas, estejam onde estiverem. Sua obra configura-se como registro ficcional resultante de uma atenta observação dos espaços por onde transita o jornalista-escritor. Ambientando suas estórias dentro e fora de Angola, o autor persegue a tensão entre passado e presente, transitando com desenvoltura entre fato e ficção. Com sua imaginação de ficcionista, preenche as lacunas deixadas pelos historiadores; ilumina, com novo olhar, recantos obscuros e faces ocultas; transfigura e multiplica significados. Seja no passado, remoto ou recente, seja no presente fragmentado, seus personagens se prestam a dar testemunho de que a identidade única não só se revela inadequada à realidade angolana como tem custado caro a seus habitantes. Circulando por espaços e culturas locais ou transnacionais, tais personagens, a exemplo do próprio autor, estão permanentemente enredados na temática central da identidade.

A obra *Fronteiras perdidas*, tomada em seu conjunto, constitui uma viagem literária pelo tempo-espaço da pós-colonização. No mosaico das narrativas ficcionais, fragmentos da pouco conhecida história de Angola rompem com a linearidade historiográfica tradicional, de modo a reconsiderar criticamente o passado. Os contos assumem a perspectiva do presente, desconstroem as “versões oficiais” sobre os acontecimentos reais e, em seu lugar, erguem um universo ficcional no qual há meramente versões, numa polifonia capaz de engendrar as mais inconcebíveis temporalidades. Nos textos de ficção que integram o livro, Agualusa articula historicamente o passado nos termos propostos por Walter Benjamin (1984, p. 224): não tem a pretensão de conhecê-lo “como ele de fato foi”, mas “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo”; afinal, o passado é um tempo saturado de “agoras”, que só se deixa perceber por meio de fragmentos, jamais pela totalidade.

No presente das narrativas, vários “eus”, múltiplos e híbridos, tomam o lugar do “nós” coletivo e homogêneo do passado. Essas identidades múltiplas, que caracterizam a essência da obra do autor, estão em perfeita sintonia com a tendência atual de reavaliação histórica que, por intermédio da arte, não almeja eliminar diferenças, compondo uma identidade una, mas harmonizá-las em um novo contexto social, variado e mestiço, de identidades transitórias.



ISSN: 1983-8379

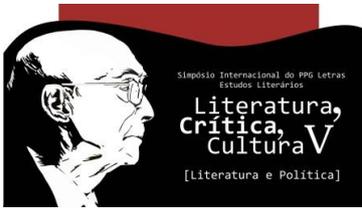
A figura do quiasmo representa bem a obra literária de José Eduardo Agualusa, uma vez que propõe um equilíbrio por assimetria, valoriza a heterogeneidade e elege um ponto de interseção onde as diferenças se cruzam e formam algo novo. O que se origina dessa perda de balizas não é depreciativo, ao contrário, é algo bom, pois possibilita uma visão de Angola a partir de um novo *locus* de enunciação: o aqui e agora, em todo lugar e enquanto isso. [Em *Fronteiras Perdidas*,] esta literatura em trânsito [...] reflete o espaço além das fronteiras do pós-colonialismo, espaço global que vem suplantar o espaço do Estado-nação colonial. (SILVA, 2010)

O termo “pós-colonial” não tem aqui qualquer significação relativa à sequencialidade ou polaridade, mas, como quer Bhabha (1998, p. 23), refere-se a “termos que apontem insistentemente para o além”, de modo a transmutar “o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico”. A estrutura narrativa de *Fronteiras perdidas* não se confunde com a de uma “literatura de viagens” ou de “crônicas curtas para serem lidas em trânsito”; trata-se de “uma literatura ‘em viagem’, uma literatura que ultrapassa os limites da ficção e da realidade. Um discurso que se encontra *além* e, por isso, é ‘pós’”. (SILVA, 2010)

### 1. Entre ruínas e ambivalências

Em “A noite em que prenderam o Pai Natal”, Agualusa coloca em cena mais um de seus personagens comuns, vítima de uma realidade que lhe foi imposta. Assim é o velho Pascoal, um negro albino, por quarenta anos zelador de piscina, que vê se esvaír a estabilidade de sua existência entre os brancos colonizadores, quando, ao fim do conflito armado pela independência de Angola, segue-se uma interminável guerra civil pelo controle do país. A trajetória de Pascoal tem início nesse momento de caos vivido pelos angolanos, entre 1975 e 1976, período em que cerca de 800 mil portugueses abandonaram o país, agravando de forma dramática sua situação econômica. “Quando os portugueses fugiram, Pascoal compreendeu que os dias felizes haviam chegado ao fim. Assistiu com desgosto à entrada dos guerrilheiros, aos tiros, ao saque das casas.” (AGUALUSA, 1999, p. 108)

O tema da ambivalência identitária que perpassa todo o conto começa a ganhar contornos na menção feita pelo autor à dúbia situação a que está submetido o protagonista, por força da anomalia congênita estampada em seu aspecto físico. “Nascido albino, pele de osga e piscos olhinhos cor-de-rosa, sempre escondidos por detrás de uns enormes óculos escuros”,

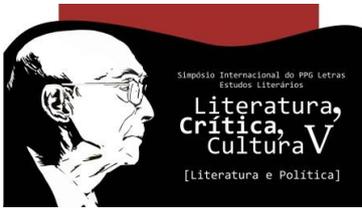


ISSN: 1983-8379

Pascoal era estimado entre os brancos: “confiavam-lhe as crianças pequenas, alguns até o convidavam para jogar futebol (foi um bom guarda-redes), outros segredavam confidências, pediam o quarto emprestado para fazer namoros”. (AGUALUSA, 1999, p. 107) Mas não lhe poupavam das piadas: “o único preto em Angola que tem casa com piscina” (em referência ao fato de o personagem habitar um cômodo junto aos vestiários masculinos); “o preto mais branco de África”. Entre os pretos, porém, Pascoal era desprezado: “as mulheres muxoxavam, cuspiam quando ele passava, ou, pior que isso, fingiam nem sequer o ver”. (AGUALUSA, 1999, p. 108)

Personagens albinos são recorrentes na obra de Agualusa. Embora seu discurso jamais assuma caráter denunciante, menos ainda condenatório, pelo intermédio dessas presenças o autor faz menção à triste condição de marginalidade e exclusão à que está submetida, na África, a maior população albina do mundo. Ignorância, superstição e preconceito condenam albinos africanos à perseguição dos que acreditam que certas partes de seus corpos trazem boa sorte. Muitos são amputados e/ou mortos para que fragmentos corporais sejam transformados em amuletos. Também é comum a uma criança albina, logo após o nascimento, ser rejeitada pelo pai e abandonada pela mãe, apontada como responsável pela condição fragilizada do bebê. Sem recursos financeiros, a maioria desses indivíduos não tem como proteger seus olhos dos raios de sol com o uso de óculos escuros, o que agrava problemas congênitos de visão, principal causa de suas dificuldades na escola, ambiente, por sua vez, que a eles se mostra hostil, tanto por parte de professores quanto de colegas. A inclemente luz solar africana lhes impinge ainda ulcerações e queimaduras de pele. Encontrar trabalho é missão difícil para um albino africano, em geral rotulado de "branco vira-lata".

Melhor sorte conferirá Agualusa (1999, p. 107) a Pascoal: “sabia ler, contar, e ainda todas as devoções que aprendera na Missão, sem falar na honestidade, higiene, amor ao trabalho”. Essa condição confortavelmente estável do personagem começa a oscilar, com a radical mudança do cenário à sua volta. Primeiro, a piscina, a qual Pascoal tanto se dedicava, é invadida, degradada, até finalmente secar, “murchar” e “amarelar”, feito o passado colonial que tanta solidez parecia doar aos referenciais identitários do personagem. Depois, o espaço urbano é descrito em seu perecimento, como uma espécie de retorno a um passado original, pré-colonial.

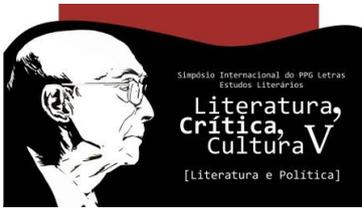


ISSN: 1983-8379

Uma espécie de cansaço desceu por sobre as casas e a cidade começou a morrer. África – vamos chamar-lhe assim – voltou a apoderar-se do que fora seu. Abriram-se cacimbas nos quintais. Acenderam-se fogueiras nos jardins. O capim rompeu o asfalto, invadiu os passeios, os muros, os pátios. Mulheres pilhavam milho nos salões. Os frigoríficos passaram a servir para guardar sapatos. Pianos deram excelentes coelheiras. Gerações de cabras cresceram a comer bibliotecas, cabras eruditas, especializadas em literatura francesa, umas, outras em finanças ou arquitetura. (AGUALUSA, 1999, p. 109)

Se, por um lado, diante da crescente destruição, às coisas materiais não sendo dados novos préstimos – a própria piscina servirá à criação de galinhas –, por outro, as identidades dos sujeitos, aquilo que até então os caracterizava, parecem ruir, enfraquecer ou se metamorfosear à medida que a narrativa avança. Os guerrilheiros chamam-se uns aos outros de “camaradas para aqui, camaradas para ali, como se já não tivessem nome”. Soldados – presumivelmente indivíduos investidos de autoridade para defender o país e seus habitantes – agem de modo arbitrário, submetendo o protagonista a humilhações – “deve pensar que é branco, vejam só, um branco de imitação” – e espancamentos – “deixaram-no como morto dentro da piscina”. (AGUALUSA, 1999, p. 109-110) Bombardeios devastam a cidade e arruinam a piscina, estilhaçando com elas todas as “certezas” que pareciam sustentar a vida cotidiana na realidade colonial. Nada mais pode ser definido muito claramente no texto. Pascoal anda “à deriva por entre os escombros” e, mesmo incapaz de distinguir seu significado, impressiona-se com a expressão “urbicídio”, empregada por um mulato que se faz acompanhar de um branco e um preto, todos indistintamente vestidos “de casaco e gravata”. São apenas “chapeuzinhos azuis” que, na narrativa, configuram-se como traço distintivo de “uma tropa de brancos muito estrangeiros”, a qual, numa madrugada chuvosa, recolhe Pascoal e o conduz à capital do país, Luanda. (AGUALUSA, 1999, 110)

Se o albinismo, marca identitária fundamental do protagonista, lhe causou infortúnios ao longo da existência, será também sua redenção quando, depois de ter sido tratado de ferimentos pelo corpo, deixa o hospital sem ter para onde ir ou voltar. É essa condição desalojada, desamparada e marginalizada que impele Pascoal a viver na rua, a se instalar num espaço de fluxos, travessias e trânsitos. É assim que o personagem, dando-se conta da impossibilidade de retorno, empreenderá uma *viagem* por seu próprio país, que se converterá numa *passagem*, conduzindo-o a descobertas sobre o “outro” e levando-o a uma transformação



ISSN: 1983-8379

irremediável de si mesmo. O conto revela-se, desse modo, como uma alegoria da desterritorialização, do exílio e do nomadismo aos quais populações descolonizadas são condenadas, mesmo continuando a viver no lugar onde nasceram, por força da perda de referenciais de identidade e nação.

Àquela altura da vida de Pascoal, o desleixo que lhe pôs no rosto uma barba branca comprida, testemunha patente de sua mais genuína miséria, era a manifestação de sua absoluta desesperança. A precária situação do personagem metaforiza o luto africano imemorial que, manifesto em cada indivíduo oriundo daquele continente, enlaça sofrimento individual e aflições históricas coletivas. Uma espécie de melancolia ancestral é evocada na descrição das angústias que habitam o protagonista, diante de um presente que se torna ainda mais cruel quando confrontado com a memória do passado:

Naquela época já nem pensava mais em procurar emprego, certo de que morreria em breve numa rua qualquer da cidade, mais de tristeza que de fome, pois para se alimentar bastava-lhe a sopa que todas as noites lhe dava o General, e uma ou outra côdea de pão descoberta nos contentores. À noite dormia na cervejaria, na mesa de bilhar, enrolado num cobertor, outro favor do General, e sonhava com a piscina. (AGUALUSA, 1999, p. 107)

A morada improvisada, a situação de lúmpen e a condição de vulnerabilidade do protagonista denotam um “lugar de morança”, um “território de expatriação” no qual os significantes evidentes do enraizamento comutam-se em “fronteiras vacilantes”, na expressão de Bhabha (1998), ou “fronteiras perdidas”, na inspiração de Agualusa. Em sua composição ficcional, o escritor articula um discurso que, no entrecruzamento de história coletiva e vida pessoal, desvela o contexto da independência nacional como um tempo de incerteza cultural e instabilidade individual. O enunciado expõe a confrontação entre a necessidade de “um modelo, uma tradição, um sistema estável de referência” e a negação de qualquer certeza diante de “novas exigências, significados e estratégias”. (BHABHA, 1998, p. 64)

Num golpe irônico do destino, arquitetado por Agualusa, seu personagem abandonará, pela segunda vez no conto, uma cômoda (ainda que dura) certeza – desta vez em relação à própria morte – para se lançar à contingência de se transfigurar profissionalmente num personagem. A proposta é feita por um estrangeiro, um comerciante indiano; alguém que, por sua condição de “estranho”, domina os espaços de transição, negociação e troca. Sua feição



ISSN: 1983-8379

prática e oportunista contrasta com o perfil arraigado e austero do protagonista. E será justamente a expressão mais visível, fixa e nefasta da identidade de Pascoal – sua aparência física (um velho preto albino de longa barba branca) –, que se mostrará suficientemente flexível e oportuna não só para credenciá-lo ao posto de Pai Natal como para conferir à função uma suposta autenticidade.

Um dia, era Dezembro e fazia muito calor, o indiano do novo supermercado, na Mutamba, veio falar com ele:

– Precisamos de um Pai Natal – disse-lhe –, contigo poupávamos a barba e, além disso, como tens um tipo nórdico, ficava a coisa mais autêntica. Estamos a dar três milhões por dia. Serve?

A função dele era ficar em frente ao supermercado, vestido com um pijama vermelho, e de barrete na cabeça. Como estava magrinho, foi necessário amarrarem-lhe duas almofadas na barriga. (AGUALUSA, 1999, p. 110-111)

Devidamente caracterizado, o personagem tinha a função de aliciar clientes à porta de um supermercado. Para isso, o Pai Natal encarnado em Pascoal portava um saco do qual retirava prendas entregues às crianças, mas que a elas pouco interessavam, sendo de fato dirigidas a seus pais. Eram preservativos doados por uma organização não governamental sueca ao Ministério da Saúde angolano. O expediente servia de pretexto para que os adultos, acompanhados de seus filhos, fossem convidados a entrar na loja.

Variados são os discursos que atravessam a figura a que deu vida o protagonista de Agualusa: o da renovação da inocência infantil num cenário adverso; o da prioridade dada ao consumo e suas estratégias de sedução, o do desvirtuamento da ajuda humanitária internacional destinada a causas de saúde pública – como é o caso do combate à Aids, doença que, só nas duas últimas décadas, matou 17 milhões de pessoas no continente africano, quase tanto quanto catástrofes históricas, como a gripe espanhola do início do século passado (20 milhões) e a peste negra, na Idade Média (25 milhões); de cada três infectados pela Aids no planeta, dois vivem na África.

Todo o desconforto causado pelo traje não é capaz de embaçar a alegria que Pascoal reencontra ao travestir-se de uma lendária figura mundialmente popularizada por intermédio da publicidade. É que, assim transfigurado, o personagem recupera certa dignidade a ele sempre sonogada, algum prestígio ora perdido e uma cumplicidade até então jamais experimentada junto a seus compatriotas. Graças ao artifício da fantasia, ao disfarce de seu aspecto e à



ISSN: 1983-8379

mediação de um símbolo universal de consumo, o protagonista se sente acolhido e reconhecido pelo povo de seu país, experimentando a sensação de estar a ele, de algum modo, integrado.

Pascoal sofria com o calor, suava o dia inteiro debaixo do sol, mas pela primeira vez ao fim de muitos anos sentia-se feliz. [...] Cada dia Pascoal gostava mais daquele trabalho. As crianças corriam para ele de braços abertos. As mulheres riam-se, cúmplices, piscavam-lhe o olho (nunca nenhuma mulher lhe tinha sorriso); os homens cumprimentavam-no com deferência:

– Boa tarde, Pai Natal! Este ano como é que estamos de prendas?  
(AGUALUSA, 1999, p. 111)

O que se segue na narrativa é a sensibilização de Pascoal, até o seu compadecimento, para com as crianças de rua que, frágeis e carentes, lhe dirigiam ingênuos pedidos, os quais o Pai Natal estava impedido de atender devido às rígidas ordens prescritas desde sua contratação. Esta progressiva comoção, que toma conta do personagem e irá orientar suas próximas ações, contrasta com o comportamento intolerante e violento em relação às crianças atribuído a Pascoal, logo no início do conto, quando ainda exercia as prestimosas funções de zelador:

As crianças saltavam o muro, madrugadinha, e lançavam-se à piscina. Ele tinha de se levantar, em cuecas, para os tirar de lá. Um dia comprou uma espingarda de chumbo, uma pressão de ar em segunda mão, e passou a disparar contra elas, emboscado por detrás das acácias. (AGUALUSA, 1999, p. 108)

Incorporando Pai Natal e, conseqüentemente, atraindo o assédio dos pequenos angolanos desassistidos, o protagonista de Agualusa franqueia a si mesmo uma percepção “outra” acerca de uma realidade que à sua volta se impõe como inarredável.

O velho apreciava sobretudo o espanto dos meninos de rua. Faziam roda. Pediam muita licença para tocar o saco. Um, pequenino, fraquinho, segurou-lhe as calças:

– Paizinho Natal – implorou – me dá um balão.

Pascoal tinha instruções severas para só oferecer preservativos às crianças acompanhadas, e mesmo assim dependia do aspecto da companhia. O contrato era claro: meninos da rua deviam ser enxotados.

Ao fim da segunda semana, quando a loja fechou, Pascoal decidiu não tirar o disfarce e foi naquele escândalo para a cervejaria. O General viu-o e não disse nada. Serviu-lhe a sopa em silêncio.

– Faz muita miséria neste país – queixou-se o velho enquanto sorvia a sopa –, o crime recompensa. (AGUALUSA, 1999, p. 111-112)



ISSN: 1983-8379

A mudança de postura do personagem remete à discussão que o filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton leva a efeito, em *A ideia de cultura*. O autor parte de um ponto de vista materialista, formulado por Richard Rorty, segundo o qual “segurança e simpatia andam de mãos dadas”, ou seja, quanto maiores forem as dificuldades, quanto mais medo e perigo envolvidos, menos os indivíduos e os grupos despenderão tempo e esforço para refletir a respeito da situação de pessoas com as quais não se identificam de imediato. De acordo com este raciocínio, medita Eagleton (2005, p. 72), só poderemos ser imaginativos se, antes, pudermos alcançar a condição de abastados.

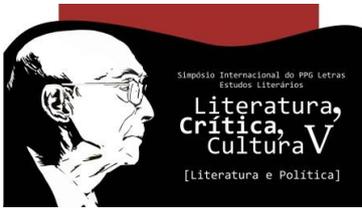
É a abundância que nos liberta do egoísmo. Em um estado de escassez, achamos difícil erguer-nos acima de nossas necessidades materiais; só com o advento de um excedente material é que podemos deslocar-nos para dentro daquele excedente imaginativo que é saber qual é a sensação de ser um outro.

Lembrando, contudo, a máxima de Horácio – “nada que seja humano me é estranho” – e argumentando que, “na Nova Ordem Mundial, como na arte clássica, a estabilidade de cada componente é necessária para o florescimento do todo”, Terry Eagleton (2005, p. 73-74) apresenta uma perspectiva contrária à primeira.

É um erro acreditar, como Rorty, que sociedades oprimidas têm muito pouco tempo para imaginar o que os outros devem estar sentindo. Ao contrário, existem muitos casos em que o fato de serem oprimidas é exatamente o que as impele a essa simpatia. [...] Todas as localidades são porosas e sem margens definidas, têm áreas em comum com outros contextos [...], revelam semelhanças [...] com situações aparentemente remotas, e diluem-se ambigualmente em seus igualmente diluídos arredores.

Mas isso é também porque não se precisa saltar fora da própria pele para saber o que o outro está sentindo, com efeito, há ocasiões em que é preciso antes entocar-se mais profundamente dentro dela. [...] Não é cessando de ser eu mesmo que compreendo você.

Mais uma vez, o caráter alegórico do conto de Agualusa pode ser evocado, ao se tomar os sentimentos e preocupações manifestados particularmente no protagonista como representativos de um modo de empatia característico de contextos pós-coloniais. Na reiterada convergência do triste destino pessoal do personagem com a dolorosa história do povo angolano, emergem paragens comuns, aptas a promoverem a comunhão de memórias, sonhos e



ISSN: 1983-8379

afinidades, experiências, enfim, passíveis de serem vividas e visitadas nas (con)vivências contemporâneas.

Se, por um lado, Agualusa dota o velho Pascoal de uma nova e lúcida consciência, por outro, o autor imerge seu protagonista numa espécie de alucinação onírica, uma “visão”, durante a qual lhe será dada uma especial incumbência. Por meio de um mágico e improvável liame entre sagrado e profano, o escritor dará ao personagem a chance de tecer com seus conterrâneos laços que, se não puderam se constituir pela via da contiguidade étnica, sempre poderão ser (r)estabelecidos por meio da afinidade ética.

Nessa noite não sonhou com a piscina. Viu uma senhora muito bonita a descer do céu e pousar na beira da mesa de bilhar. A senhora usava um vestido comprido com pedrinhas brilhantes e uma coroa dourada na cabeça. A luz saltava-lhe da pele como se fosse um candeeiro.

– Tu és o Pai Natal – disse-lhe a senhora. – Mandei-te aqui para ajudar os meninos despaldados. Vai à loja, guarda os brinquedos no saco e distribui-os pelas crianças. (AGUALUSA, 1999, p. 112)

José Eduardo Agualusa apropria-se aqui de um arquivo de memória europeu, a ele conferindo novos sentidos, ao inseri-lo no cenário ficcional da Angola posterior ao colonialismo. Efetua, desse modo, mais um dos transpasses de significantes e significados, oriundos do contato entre culturas peculiarmente variadas. Nesse caso, a referência é feita a uma lenda portuguesa, conhecida desde o final do século XIV: o milagre das rosas, atribuído à Santa Isabel.

Consta que a Rainha Santa deixou o Castelo do Sabugal, numa manhã gelada de inverno, determinada a alimentar com pães os mais desfavorecidos, quando foi surpreendida por seu esposo, Dom Dinis I, que a indagou aonde ia e o que levava consigo. Dona Isabel respondeu ao soberano: “São rosas, senhor!” Desconfiado, porém, ele retorquiu: “Rosas, no inverno?” Santa Isabel, então, expôs o conteúdo do regaço de seu vestido e nele havia rosas, e não os pães que ocultara.

Na versão ficcional elaborada pelo escritor angolano, o “milagre” terá lugar numa noite feericamente iluminada por vitrines remanescentes do período natalino. Sua ambiência será o cenário de exposição por meio do qual os produtos de consumo impregnam os festejos de Natal de seu sentido mais mercantil. A intenção do personagem não é dar de comer aos que

têm fome, como almejava a santa, mas levar alento aos que permanecem apartados do consumo.

O velho acordou estremunhado. Na noite densa, em redor da mesa de bilhar, flutuava uma poeira incandescente. Voltou a enrolar-se no cobertor mas não conseguiu adormecer. Levantou-se, vestiu-se de Pai Natal, pegou no saco e saiu para a rua. Em pouco tempo chegou à Mutamba. A loja brilhava, enorme na praça deserta, como um disco voador. As Barbies ocupavam a montra principal, cada uma no seu vestido, mas todas com o mesmo sorriso entediado. Na outra montra estavam os monstros mecânicos, as pistolas de plástico, os carrinhos eléctricos. Pascoal sabia que se partisse o vidro dessa montra, conseguiria passar a mão através das grades e abrir a porta. Pegou numa pedra e partiu o vidro. Já estava a sair, com o saco completamente cheio, quando apareceu um polícia. No mesmo instante, atrás dele, acendeu-se uma acácia, na esquina, e Pascoal viu a senhora a sorrir para ele, flutuando sobre o lume das flores. O polícia não pareceu dar por nada.

– Velho sem vergonha – gritou ele. – Vais dizer-me o que levas no saco?

Pascoal sentiu que a sua boca se abria, sem que fosse essa a sua vontade, e ouviu-se a dizer:

– São rosas, senhor.

O polícia olhou-o, confuso:

– Rosas? O velho está cacimbado...

Deu-lhe uma chapada com as costas da mão. Tirou a pistola do coldre, apontou-a à cabeça dele e gritou:

– São rosas? Então mostra-me lá essas rosas!

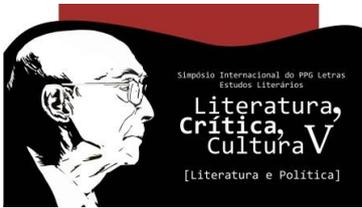
O velho hesitou um momento. Depois voltou a olhar para a acácia em flor e viu outra vez a senhora sorrindo para ele, belíssima, toda ela uma festa de luz. Pegou no saco e despejou-o aos pés do guarda. Eram rosas, realmente – de plástico.

Mas eram rosas. (AGUALUSA, 1999, p. 112-113)

Em “A noite em que prenderam o Pai Natal”, as flores “milagrosas”, tornadas artificiais pelo autor, simbolizam o carácter de afetação e futilidade do qual se reveste a celebração religiosa cristã, em meio a uma Luanda caótica e desolada, tão vítima quanto seus habitantes das desumanas guerras angolanas, cujas faces menos visíveis Agualusa nos convida a conhecer.

## 2. Da história revisitada ao *novo* em transformação

O conto de José Eduardo Agualusa, publicado há mais de uma década, problematiza, a compreensão do passado e do presente, no que se refere às relações colônia-metrópole e às trajetórias de sujeitos históricos presos à ambivalência do pós-colonialismo. A personagem central reivindica o direito legítimo de ressignificar sua existência frente às novas subjetividades individuais e coletivas evidenciadas nos espaços intersticiais forjados no curso dos dolorosos processos de descolonização e no período que a eles se seguiu. Na construção



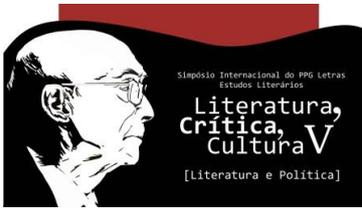
ISSN: 1983-8379

alegórica da narrativa, seu criador põe em cena experiências intersubjetivas e coletivas de nação que se articulam como passagens, movimentos que transpõem e transformam uma realidade na qual nada é mais a mesma coisa, mas também não é inteiramente outra.

Ao retomar a temática da reconstrução nacional angolana, o autor assume o encargo de tradutor, criando novos significados para símbolos culturais, sem ter, porém, a pretensão de propor qualquer modelo. Sem perder de vista o contexto global e movido sobretudo pelo interesse central de sua escrita – por em xeque a questão da identidade –, o escritor deixa transparecer no relato a necessidade de (re-)elaboração de um discurso *da e sobre a nação*, tornando-o apto a acolher a pluralidade e a ambivalência que caracterizam a sociedade angolana atual.

No conto, Agualusa apresenta novas versões para fatos conhecidos, modificando seu foco e propondo outras interpretações. (Re)conta, assim, parte da história de seu país, a fim de lhe abrir alternativas para um futuro a ser inventado. A narrativa sobre o destino de um velho albino africano mostra como fatos de um passado em ruínas povoam e assombam um presente traumático. O discurso ficcional confronta um período de dependência e submissão, no qual muitos, porém, encontravam segurança e acolhida, e um momento em que o semblante da liberdade, para a maioria, é o do conflito, da privação, da permanência de injustiças e o do triunfo da artificialidade; um tempo, afinal, sintetizado pelo “milagre” das flores de plástico, a “mágica” preponderância dos objetos fúteis na sociedade de consumo, mesmo numa realidade de escassez e privações.

O texto de Agualusa também alerta para os perigos da naturalização dos discursos, questionando sentidos que a história teima em congelar. A aparência que se revela hoje nem sempre corresponde ao que existiu ontem, tampouco afiança o que será amanhã. É preciso tentar enxergar através e além das ruínas; alcançar o momento em que elas ainda não haviam se constituído; ouvir, enfim, o silêncio de vozes que estiveram caladas. O conto configura-se como o próprio *entre-lugar*, no qual realidade e ficção transitam, sem erguer entre si fronteiras, mas criando vias de acesso mútuo, que possibilitam um novo olhar sobre as relações de dominação, permitindo também que se enxergue os fatos pelos olhos de quem dolorosamente os vivenciou.

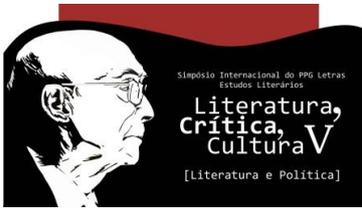


ISSN: 1983-8379

Se fronteira significará *baliza, limite, divisa, borda*, sempre que se referir a uma centralidade, o lugar em que se instala o enunciado do escritor angolano é o dos cruzamentos, encontros, trânsitos e passagens, um *entre* que é a espacialidade e a temporalidade da hibridez, da diferença e da ambiguidade. A estória de Pascoal ilustra a maneira pela qual a centralidade das identidades ideais e naturalizadas é deslocada para as fronteiras e, assim, exposta ao contato com a não-centralidade das identidades ambivalentes e cambiantes. A concepção tradicional de identidade, aliás, não dá conta sequer da condição de albino do protagonista. Nem branco, nem preto, Pascoal percorre a bipolaridade das etnias, vendo-se forçado a desfazer e refazer vínculos identitários, na medida em que realinha as fronteiras espaço-temporais de sua existência e, como quer Bhabha (1998), faz do “além” um ponto de intervenção no aqui e no agora.

Ao apoiar-se numa concepção de sujeito que não visa à idealização de um futuro utópico, menos ainda sua concretização, o texto literário de Agualusa, híbrido em mais de um sentido, persegue o diálogo com o passado, para tomá-lo em seu potencial criativo. Ao evocar a memória e ouvir as vozes da história, o escritor quer, antes de tudo, apresentar a seu leitor o *novo* em transformação. Dessa ordem é, por exemplo, mas não somente, o emprego que ele dá em seu texto à lenda do “milagre das rosas”, signo que – como propõe Bhabha (1998) – é apropriado, traduzido, re-historicizado e lido de outro modo. É nas histórias – e principalmente nas *estórias* – nacionais, antinacionalistas, do “povo” – como a contada por Agualusa em “A noite em que prenderam o Pai Natal” – que haverá, ainda segundo o teórico indiano, a possibilidade de se emergir como outro de si mesmo.

No que se refere à indagação recolhida entre as reflexões de Homi Bhabha e inicialmente apresentada, a ficção em tela dá testemunho de que é imperioso reconhecer-se a impossibilidade de entendimento do sujeito contemporâneo como indivíduo total num mundo fragmentado, muito menos como ser estático num momento histórico de pleno dinamismo. O sujeito do *entre-lugar* é aquele que desponta culturalmente do embate entre pólos opostos: tradição e contemporaneidade, passado e presente, dependência e autonomia, centro e periferia. As transformações que dele emanam povoam obras literárias como a estória do velho albino africano.



ISSN: 1983-8379

## Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. A noite em que prenderam o Pai Natal. In: \_\_\_\_\_. Fronteiras perdidas. Lisboa: D. Quixote, 1999, p. 105-113.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.
- GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- SILVA, Renata Flávia da. Uma literatura em viagem. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/flavia.rtf>>. Acesso em: 06 dez. 2010.
- SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 113-133.